

*PROMESSA E TERNURA*

Cinco dias antes do drama, Fima teve um sonho que registou às cinco e meia da manhã no seu bloco de sonhos. Este, de cor castanha, jazia debaixo de uma pilha desordenada de jornais e revistas velhos que se encontrava no chão, aos pés da cama. Fima tinha o costume de escrever na cama, aos primeiros alvares da madrugada, quando a luz pálida surgia quebrada pelas ripas dos estores. Se não tinha sonhado nada ou se se tinha esquecido, mesmo assim acendia o candeeiro, piscava os olhos, sentava-se na cama e, colocando sobre os joelhos uma revista grossa que improvisava um tampo de mesa, escrevia, por exemplo, isto:

«Vinte de Dezembro — nada.»

ou:

«Quatro de Janeiro — algo com uma raposa e uma escada, mas com pormenores apagados.»

Tinha o hábito de registar a data por extenso e não por algarismos. Depois, levantava-se para ir à casa de banho e voltava a deitar-se até ouvir o arrulhar dos pombos lá fora, o latido de um cão e o piar de algum pássaro que lhe parecia surpreendido e incrédulo. Fima concedia a si mesmo mais alguns minutos, um quarto de hora, no máximo, antes de se levantar, mas por vezes voltava a adormecer até às oito ou nove, porque o trabalho na clínica só começava à uma da tarde. A dormir encontrava menos mentiras do que acordado. Embora já há muito tivesse compreendido que a verdade não estava ao seu alcance, desejava distanciar-se o mais possível das pequenas

falsidades de que o quotidiano estava cheio, como poeira fina que penetrasse por todos os recantos, mesmo os mais recônditos. Na segunda-feira de manhã, quando uma ténue claridade alaranjada começou a filtrar-se por entre as ripas dos estores, sentou-se na cama e anotou no seu bloco o seguinte registo: «Uma mulher, mais atraente do que bonita, aproximou-se do balcão da recepção, não pela frente, mas contornando-o por detrás de mim, apesar do letreiro que dizia ENTRADA RESERVADA A PESSOAL AUTORIZADO. Eu adverti-a: ‘Minha senhora, se pretende algum esclarecimento, passe para o outro lado, por favor.’ Ela riu-se e replicou: ‘Está bem, Efraim, já ouvimos.’ Eu respondi-lhe: ‘Minha senhora, se não sair daqui, terei de tocar à minha campainha’ (apesar de eu não ter uma campainha). Estas palavras suscitaram-lhe um riso tão cristalino como uma fonte de água límpida. Tinha ombros estreitos, o pescoço já com algumas rugas, mas o peito e a barriga eram bem torneados e as pernas realçadas por meias de seda com costura. As suas curvas e fragilidade eram simultaneamente voluptuosas e comoventes. Ou talvez fosse o contraste entre o semblante de uma professora extenuada e um corpo escultural que era comovente. ‘Tenho uma filha tua, chegou a altura de ela te conhecer’, disse ela. Não obstante eu saber que era interdito abandonar o trabalho e fosse perigoso segui-la, ainda por cima descalço — subitamente vi que estava sem sapatos —, tive um pressentimento: se ela levar os cabelos, com a mão esquerda, ao ombro esquerdo, eu terei de ir. Ela sabia-o e, com um movimento delicado, afastou o cabelo para a frente até ficar solto sobre o vestido, ocultando o seio esquerdo, e disse: ‘Vem.’ Segui-a ao longo de algumas ruas, becos, escadarias, pórticos e pátios também eles pavimentados com pedras de calçada, como na cidade espanhola de Valladolid, mas que era, na realidade o bairro de Bukhara, aqui em Jerusalém. E ainda que a mulher, de vestido ameninado de algodão e meias provocantes, me fosse completamente estranha e nunca a tivesse visto, deu-me vontade de ver a filha. Assim, entrámos por portas de edifícios que davam acesso a pátios traseiros pejados de estendais carregados de roupa, depois desembocámos em novas vielas até chegarmos a uma espécie de praça antiga iluminada por um candeeiro à chuva, que começava a cair de mansinho, quase sem gotas, como um nevoeiro cerrado na obscuridade que ia aumentando. Não se descortinava viva alma. Nem sequer

um gato. De repente, a mulher estacou num corredor onde havia vestígios de um esplendor passado, como que um vestíbulo de um palácio oriental mas que era provavelmente um túnel entre dois pátios, com caixas de correio partidas e mosaicos de cerâmica a desconjuntarem-se e, tirando-me o relógio do pulso, apontou para uma manta militar esfarrapada ao canto das escadas, como se o simples facto de me retirar esse objecto desse início à nudez e não me restasse alternativa senão fazer-lhe uma filha ali mesmo. Perguntei-lhe onde nos encontrávamos e onde estavam as crianças porque, durante a caminhada, a menina tinha-se aparentemente multiplicado. A mulher respondeu: ‘Carla.’<sup>1</sup> Fiquei sem saber se Carla era o nome da rapariga ou o da mulher que apertava a minha mão contra o seu seio, ou se tinha frio por causa da nudez das filhas magras, ou se era um convite para a abraçar e a aquecer. Quando a enlacei, todo o seu corpo vibrou, não de desejo, mas de desespero e segredou-me: ‘Não tenhas medo, Efraim, sei de um caminho e levo-te em segurança ao lado ariano.’ No meu sonho, este murmúrio pareceu-me cheio de promessa e ternura e continuei a confiar e a segui-la exaltado, sem chegar a perceber como é que, entretanto, ela se tinha transformado na minha mãe e onde ficava o lado ariano. Até que chegámos à beira da água. Aí estava um homem, de uniforme escuro, com bigode louro à militar e as pernas afastadas, que vociferou: ‘Tem de se separar!’ Percebi então que ela tinha frio por causa da água e que nunca mais a veria. Acordei triste e mesmo agora, ao terminar este registo, a minha tristeza não se desvanece.»

---

<sup>1</sup> Se as sílabas da palavra «CARLA» forem separadas forma-se a expressão «*Car lah*» significando, em hebraico, «ela tem frio». (N. do T.)

*FIMA LEVANTA-SE PARA IR TRABALHAR*

**E** fraim levantou-se com a roupa interior suada e entreabriu ligeiramente o estore, vendo da janela o começo de um dia de Inverno em Jerusalém. As casas próximas pareciam-lhe afastadas umas das outras e dele também, com farrapos baixos de nevoeiro entre elas. Como se o sonho prosseguisse, nenhum sinal de vida se vislumbrava no exterior. Com a diferença de não estar agora num beco empedrado, mas numa rua em mau estado na extremidade sudoeste de Kiryat Yovel, uma fila de largos edifícios de apartamentos, pesadões, construídos com materiais baratos nos finais dos anos cinquenta. Os moradores tinham fechado a maioria das varandas com tijolos, cimento, vidro e alumínio. Aqui e ali, havia floreiras vazias e vasos partidos sobre balaustradas ferrugentas. A sul, viam-se as colinas de Belém envoltas em neblina cinzenta, que pareciam, nessa manhã, feias e sujas como se não passassem de montões de lixo industrial. Um dos vizinhos tinha dificuldade em pôr o carro a trabalhar por causa da humidade e do frio. O motor roncou, foi-se abaixo e resfolegou de novo, rouco, incessante, como um doente em estado terminal cujos pulmões estivessem desfeitos e que teimasse em fumar cigarro atrás de cigarro. Mais uma vez, Fima teve a sensação de se encontrar aí por engano, quando deveria estar noutro sítio completamente diferente. Mas qual era o engano e que sítio seria esse, não fazia nem nunca fazia a menor ideia. Talvez contagiado pelas sacudidelas do motor foi tomado por um ataque de tosse, e afastou-se da janela porque não queria começar o

dia na ociosidade e com pensamentos sombrios e, por esse motivo, exclamou para consigo: «Seu preguiçoso!» Pôs-se a fazer exercícios simples de ginástica, alongamentos e flexões, em frente ao espelho manchado por ilhas e continentes de sujidade. Esse espelho estava fixo na porta do antigo guarda-fatos castanho que o pai lhe havia comprado uns trinta anos antes. Devia ter perguntado à mulher do que é que ele tinha de se separar, mas era tarde de mais.

Por regra, Fima detestava ver pessoas à janela. Especialmente o espectáculo de uma mulher à janela, de costas para ele. Muitas vezes, antes do divórcio, sempre que surpreendia Yael nessa postura, contemplando a rua ou as montanhas, não deixava de a censurar, o que a irritava sobremaneira.

- O quê, estou outra vez a infringir as regras?
- Sabes muito bem que isso me enerva.
- O problema é teu, Efi.

Mas nessa manhã até mesmo os exercícios de ginástica ao espelho o enervavam e fatigavam e, passados dois ou três minutos, desistiu, não sem que antes se voltasse a chamar mandrião. Ofegante, acrescentou com sarcasmo:

«O problema é teu, meu velho.»

Tinha cinquenta e quatro anos e durante o tempo da sua solidão acostumou-se a solilóquios. Este era um dos seus hábitos de velho solteirão, entre os quais se contavam outros: perder a tampa do boião da compota; aparar os pêlos numa das narinas, esquecendo-se invariavelmente da outra; abrir a braguilha ainda no corredor, a caminho da casa de banho, para poupar tempo; não acertar na sanita ao começar a urinar; descarregar o autoclismo a meio, a fim de vencer as hesitações da bexiga com a ajuda do som da água corrente. Esforçava-se por acabar enquanto a água corria e, desta forma, havia sempre uma corrida entre a descarga do autoclismo e a sua própria. Perdia sistematicamente nessa competição, sendo forçado a optar entre uma espera irritante (com o sexo na mão, até o depósito se encher de novo, e ele poder descarregar o autoclismo), e uma rendição, deixando a urina estagnada até à próxima vez. Como não gostava de admitir a derrota ou de esperar, perdia a paciência e accionava o manípulo antes de o reservatório encher, o que ocasionava uma descarga antecipada, insuficiente para limpar

a sanita, mas suficiente para se lhe voltar a impor a detestável alternativa entre mais um compasso de espera e a rendição e fuga.

Teve na vida alguns amores, várias ideias, um livro de poemas que criou na altura algumas expectativas, reflexões sobre a finalidade do Universo, opiniões claras sobre o desnorteamento do país, o devaneio de fundar um novo partido político, saudades e a permanente aspiração a virar uma nova página. E ora cá estava ele, no seu desalinhado apartamento numa manhã escura e chuvosa, empenhado na luta humilhante para libertar a fralda da camisa, entalada no fecho eclair das calças, enquanto, lá fora, um pássaro encharcado repetia incessantemente uma frase de três notas como se tivesse chegado à conclusão de que ele era um idiota chapado e que nunca perceberia patavina de nada.

Assim, referenciando e classificando meticulosamente as suas manias de solteirão a envelhecer, Fima esperava distanciar-se de si mesmo, zombando dos seus tiques a fim de proteger as suas ilusões e dignidade. Mas, às vezes, a inventariação cuidadosa dos seus hábitos ridículos ou tirânicos revelava-se-lhe, num rasgo de lucidez, não como uma linha de fortificações destinada a protegê-lo do velho solteirão que havia em si mas, justamente, como um ardil usado por este para o despojar e o desalojar a ele, Fima, ocupando-lhe o lugar.

Decidiu voltar ao guarda-fatos e observar-se ao espelho sem repulsa, desespero ou autocomiseração, mas com resignação. O espelho devolveu-lhe a imagem de um funcionário macilento, pesado, com pneus na cintura, com roupa interior por lavar, com pêlos ralos e pretos nas pernas brancas e desproporcionadamente magras em relação à barriga, de cabelo grisalho, ombros frouxos, torso lívido onde os peitorais descaíam, salpicados aqui e acolá por borbulhas, com uma infecção avermelhada à volta de uma delas. Começou a espremer uma dessas borbulhas ao espelho, entre o polegar e o indicador. Ao rebentar, o pus amarelado foi expulso, o que lhe deu uma leve satisfação doentia e irritada. Durante cinquenta anos, como a gestação de um elefante, o feto deste empregadozeco cresceu no ventre da criança, do adolescente e do adulto. Passados cinquenta anos, terminada a gestação, abriu-se o ventre e a borboleta engendrou uma crisálida onde Fima se reconheceu.

Contudo, viu que a ordem natural das coisas estava invertida, pois no interior da crisálida se ocultaria doravante e para sempre a criança de olhos espantados e de membros longos e delicados.

A resignação, acompanhada por uma ponta de ironia, por vezes subentendia o seu contrário: uma nostalgia pela criança, pelo jovem e pelo adulto que tinham gerado a crisálida. E, assim, acontecia-lhe, por instantes, que o que havia irremediavelmente perdido lhe era devolvido num estado decantado, purificado, resistente a toda a degenerescência, isento de melancolia e de tristeza. Como se estivesse preso no interior de uma bola de vidro, o amor de Yael era-lhe por vezes devolvido, com o toque dos seus lábios e da língua atrás da orelha e o murmúrio: «Aqui, acaricia-me aqui.»

Na casa de banho, Fima praguejou quando descobriu que se tinha acabado a espuma de barbear, até lhe surgir a ideia brilhante de fazer a barba com uma camada grossa de espuma de sabonete vulgar. Todavia, em vez de perfume, o sabonete exalava um odor rançoso a sovaco em dia de canícula. Escanhou a cara até ficar vermelha mas esqueceu-se de barbear o queixo. Depois, tomou um duche de água quente e encheu-se de coragem para acabar com meio minuto de banho frio, sentindo-se momentaneamente fresco, transbordante de energia e disposto a virar uma página da sua vida, até que a toalha, húmida dos dias anteriores, voltou a envolvê-lo com o seu próprio cheiro, como se tivesse sido obrigado a vestir uma camisa usada.

Do chuveiro encaminhou-se para a cozinha, pôs água para o café, lavou uma das chávenas sujas no lava-louça, deitou-lhe adoçante e duas colheres de café solúvel e foi fazer a cama. A luta com a colcha durou alguns minutos e, regressado à cozinha, verificou que tinha deixado o frigorífico aberto durante a noite. Tirou margarina, compota e um iogurte que abrira na véspera, e descobriu que um insecto estúpido o escolhera para se suicidar. Com uma colher de chá, Fima tentou pescar o defunto mas só foi capaz de o afundar ainda mais. Atirou o boião para o lixo, contentando-se com café simples, depois de concluir, sem o confirmar, que o leite certamente também azedara por ter deixado o frigorífico aberto. Tencionava ligar o rádio e ouvir o noticiário: na véspera realizara-se uma longa reunião do Governo que se prolongou pela noite dentro. Será que um comando de pára-quadistas tinha sido lançado

sobre Damasco e capturado o presidente Hafez al-Assad? Ou será que Arafat pretendia vir discursar ao Parlamento em Jerusalém? Fima preferiu conjecturar que se tratava, quando muito, de uma desvalorização da moeda ou de um qualquer caso de corrupção. Imaginou-se a reunir os ministros para uma sessão à meia-noite. Um velho ímpeto revolucionário, do seu tempo nos movimentos juvenis, levou-o a convocar essa sessão para uma sala de aula de uma degradada escola primária no bairro de Katamon, por entre bancos com tinta a soltar-se e expressões aritméticas rabiscadas a giz no quadro. Ele mesmo, envergando um fato-macaco de calças coçadas sentar-se-ia não à mesa do professor mas no peitoril da janela. Faria uma exposição implacável sobre a situação e deixaria perplexos os ministros ao desenhar a catástrofe iminente. De madrugada faria passar, por votação maioritária, a decisão de evacuar, incondicionalmente e numa primeira fase, as nossas tropas da Faixa de Gaza. «Se dispararem de lá contra as nossas povoações, não hesitarei em mandar a aviação bombardeá-los. Mas se se mantiverem sossegados, se demonstrarem que procuram a paz, aguardaremos um ou dois anos e encetaremos negociações sobre o futuro dos territórios ocupados da Cisjordânia.»

Depois do café, enfiou a velha camisola castanha e disforme que Yael lhe deixara, deu uma olhadela ao relógio e deu-se conta de que já tinha passado o noticiário das sete. Por isso foi buscar o jornal *Haaretz* à caixa do correio, mas esqueceu-se da chave e viu-se obrigado a puxar o matutino pela fresta, rasgando a primeira página. Nas escadas, enquanto subia e parava para ler os títulos, concluiu que o país tinha caído em poder de um bando de paranóicos, sempre com o discurso de Hitler e do Holocausto e pressurosos em fazer abortar todas as perspectivas de paz, que se lhes afiguravam como uma artimanha nazi destinada a aniquilá-los.

Chegado à porta do apartamento, apercebeu-se de que estava, de novo, enredado nas suas próprias contradições e advertiu-se de que deveria evitar a histeria e as lamúrias características da *intelligentsia* israelita: devemos resistir à tentação idiota de supor que a História acaba por punir os malvados. Enquanto se servia de uma segunda chávena de café recorreu, contra as reflexões anteriores, à argumentação que usava habitualmente nas discussões políticas com Uri Gefen, Tsvika e os outros do grupo: temos de aprender a

gerir uma situação provisória susceptível de durar ainda bastantes anos, em vez de brincarmos às guerras com a realidade. A nossa inaptidão mental de vivermos numa situação aberta, a nossa propensão de dar imediatamente a volta às questões, antecipando-nos ao fim, é que constituem os autênticos factores da nossa impotência política.

Quando acabou de ler o que o crítico de televisão tinha para dizer a respeito de um programa ao qual se tinha esquecido de assistir na véspera, já passava das oito e, mais uma vez, perdeu a ocasião de ouvir o noticiário. Aborrecido, decidiu que devia começar a trabalhar de imediato. Repetiu as palavras do sonho: «Tem de se separar.» Mas separar-se do quê? Uma voz próxima, suave, quente, nem masculina nem feminina mas trespassada por profunda compaixão, perguntou-lhe: «Onde estás, Efraim?» Fima respondeu: «Mas que boa pergunta!»

Sentou-se à secretária, viu a correspondência por responder e a lista das compras da mercearia, preparada no sábado à noite, e lembrou-se de que ficara de telefonar nessa manhã a alguém por causa de um assunto inadiável, mas não fazia a mínima ideia a quem. Assim, ligou para Tsvika Kropotkin, acordou-o e fartou-se de lhe pedir desculpas apesar de o reter uns vinte minutos a propósito dos erros tácticos da esquerda, das mudanças que começavam a surgir na atitude americana e do tiquetaque da bomba-relógio do fundamentalismo islâmico, até que Tsvi perdeu a paciência: «Olha, Fima, desculpa lá e não me leves a mal, mas tenho mesmo de me ir vestir e ir a correr para dar uma aula.» Fima acabou a conversa como tinha começado, com um pedido de desculpas excessivamente longo e, pela enésima vez, não se recordava se era ele que tinha ficado de telefonar nessa manhã ou, pelo contrário, se devia aguardar uma chamada urgente que provavelmente não recebera por causa da conversa com Tsvi. Esta, pensando bem, fora mais um monólogo da sua parte do que uma conversa. Por isso renunciou à vontade de ligar para Uri Gefen, e em vez disso pôs-se a analisar minuciosamente o extracto computadorizado da sua conta bancária, sem conseguir perceber se lhe tinham sido creditados seiscentos e cinquenta *shekalim* e descontados quatrocentos e cinquenta ou o inverso. A cabeça descaiu-lhe sobre o peito e, pelos olhos cerrados, perpassaram-lhe turbas de muçulmanos em fúria, ululando versículos e

*slogans*, destruindo e queimando tudo o que se lhes atravessava no caminho. Quando a praça ficou deserta, só restaram pedaços de papel amarelo rodopiando ao vento que se misturava com o ruído da chuva que caía e se estendia até às colinas de Belém envoltas em neblina cinzenta. Onde estás Efraim? Onde é o lado ariano? E se ela tem frio, por que o tem?

Fima acordou ao contacto de uma mão quente e pesada. Abriu os olhos e viu a palma da mão castanha do pai pousada na anca, como uma tartaruga. Era uma mão velha, larga, com unhas achata-das e amarelas, coberta por altos e baixos, percorrida por veias azul-escuras e com manchas entre tufos de pêlos ralos. Por momentos, entrou em pânico até que se apercebeu de que era a sua própria mão. Despertou e leu três vezes os tópicos que tinha preparado no sábado para um artigo que havia prometido entregar ainda nesse dia na tipografia. Porém, aquilo que tencionava escrever, o que na véspera lhe tinha despertado a volúpia da controvérsia, parecia-lhe hoje completamente insípido. Na realidade, o próprio desejo de escrever tinha-se extinguido.

Após alguma reflexão, pareceu-lhe que nem tudo estava perdido: tratava-se de uma mera dificuldade técnica. Devido ao céu carregado, à chuva e ao nevoeiro não havia claridade suficiente. Era preciso luz, era tudo. Acendeu o candeeiro de mesa, com a esperança de assim dar novo impulso ao recomeço do artigo, à manhã, à sua vida. Percebeu logo que o candeeiro estava avariado. Ou seria só a lâmpada fundida? Furioso, precipitou-se para o armário do corredor e, ao contrário do que esperava, encontrou uma lâmpada nova e conseguiu substituí-la sem complicações. Só que esta também não funcionou, quem sabe se por simpatia para com a anterior. Voltou à procura de uma terceira e, no trajecto, ocorreu-lhe acender a luz do corredor, e logo teve de absolver as duas lâmpadas de toda a culpabilidade pois, no fim de contas, o problema era um corte de energia. Para escapar à ociosidade, resolveu telefonar a Yael: se for o marido a atender, pousará o auscultador em silêncio; se for Yael, a inspiração do momento certamente lhe ditará o que dizer. Como daquela vez, depois de uma acesa discussão, em que a apaziguou com aquela frase: «Se não fôssemos casados, pedir-te-ia agora que casasses comigo», ao que ela respondeu, sorrindo entre lágrimas: «Se não fosses o meu marido, acho que responderia que

sim.» Depois de dez ou vinte sinais de chamada em vão, Fima concluiu que Yael não queria falar com ele, ou talvez Ted estivesse ao lado do telefone, impedindo-a de atender.

Além do mais, estava cansadíssimo. A longa deambulação nocturna pelas vielas de Valladolid dera-lhe cabo da manhã. Ora, à uma da tarde teria de estar ao serviço atrás do balcão da recepção na clínica privada de Kiryat Shmuel e já eram nove e vinte. Fima amarrotou os tópicos do artigo, a conta da electricidade, a lista das compras e o extracto bancário e atirou com tudo para o caixote do lixo, a fim de que a secretária ficasse finalmente vazia e pronta para o trabalho. Dirigiu-se à cozinha para pôr água a ferver para mais um café, parando entretanto na penumbra a recordar-se da luminosidade daquela tarde em Jerusalém, há cerca de trinta anos, na rua Agripas, diante do cinema Eden, umas semanas depois da viagem à Grécia. Yael dissera-lhe então: «Sim, Efi, amo-te muito, gosto de te amar e adoro ouvir-te falar, mas por que raio é que te parece que deixarás de existir se não te calares por uns instantes?!», e ele calara-se como uma criança a quem a mãe tivesse pregado um raspanete. Quando, passado um quarto de hora, Fima verificou que a cafeteira continuava sem aquecer, apesar de se ter lembrado de ajustar a ficha por duas vezes, percebeu finalmente que sem electricidade jamais haveria café. Assim, voltou a deitar-se vestido por baixo do grosso cobertor de Inverno, pôs o despertador para o meio-dia menos um quarto, sepultou o bloco de sonhos sob a pilha dos jornais e revistas aos pés da cama, cobriu-se até ao queixo e, concentrando os pensamentos e desejos em mulheres até conseguir uma erecção, agarrou o sexo com toda a força dos dez dedos, como um ladrão a trepar por uma caleira ou, melhor — pensou, abafando um sorriso —, como um náufrago a agarrar-se a uma tábua de salvação. Mas a fadiga era muito mais forte do que o desejo, desistiu e adormeceu. Lá fora a chuva aumentava.

*A CAIXA DA BICHARADA*

**A**o meio-dia ouviu no noticiário que um jovem árabe fora atingido e morto nessa manhã por uma bala de plástico disparada, presumivelmente, pela espingarda de um soldado a quem tinha atirado pedras, no campo de refugiados de Jabaliya, que o corpo tinha sido levado do hospital de Gaza por homens mascarados e que as circunstâncias do incidente estavam a ser investigadas. Fima reflectiu um pouco sobre a redacção do comunicado. Detestava a expressão «morto por uma bala de plástico» e foi aos arames com a palavra «presumivelmente». Depois, embirrou, de modo mais genérico, com o abuso crescente da voz passiva na linguagem dos comunicados oficiais, que ia impondo o seu domínio na língua em geral.

Era bem possível que fosse um sentimento de vergonha, de saudável e abençoada vergonha, que nos impedisse de informar simplesmente: um soldado judeu alvejou e matou um rapaz árabe. Por outro lado, esta linguagem deturpada repetia-nos vezes sem conta que os culpados eram a espingarda, as circunstâncias sob investigação e a bala de plástico, como se toda esta abominação fosse por culpa do Céu e nada mais do que mera fatalidade.

«Na realidade, quem sabe?», pensou.

«Com efeito, nas palavras ‘por culpa do Céu’ há um toque de secreta magia.»

Acabou por se irritar consigo mesmo: «Magia e secreta, uma ova! Deixemos o Céu em paz!»

Fima apontou um garfo à testa, às têmporas e à nuca, tentando adivinhar e sentir o que poderia acontecer na fracção de segundo em que o projectil penetrasse e explodisse dentro do crânio: talvez nem dor, nem estrondo, talvez — imaginou — apenas um clarão fulgurante de incredulidade, como uma criança que se preparasse para apanhar uma bofetada do pai e, em vez disso levasse de súbito com um espeto em brasa num olho. Haverá uma fracção de segundo, um átomo de tempo infinitesimal, em que, quem sabe, tudo se ilumina? Em que se revela a luz primordial dos sete céus? Onde tudo o que é obscuro e inexplicável na vida é esclarecido, num ápice, antes da queda nas trevas? Como se, todos estes anos, tenhamos estado à procura da complexa solução para o insondável mistério e, no derradeiro instante, ela fulgura diante de nós com tanta simplicidade?

«Deixa de dar cabo do teu juízo», resmungou Fima numa voz rouca. «Obscuro» e «inexplicável» eram palavras que lhe causavam náuseas. Levantou-se, saiu fechando atrás de si a porta do apartamento e dando particular atenção à algibeira onde tinha metido a chave. No *hall* de entrada do prédio reparou na mancha branca de uma carta através da frincha da caixa do correio. Mas, no seu bolso, tinha apenas a chave da porta do seu apartamento. A chave do correio deve ter ficado em cima da secretária, a não ser que a tivesse deixado no bolso de algumas calças. Ou num canto do balcão da cozinha. Hesitou e renunciou à vontade de a ir procurar, admitindo que não passaria da factura da água ou do telefone ou de mera publicidade. Enquanto almoçava uma omelete com salsicha, salada e uma compota de fruta no café em frente, teve um sobressalto ao reparar, pela janela, que no apartamento a luz estava acesa. Reflectiu um pouco, considerou a remota eventualidade de possuir o dom da ubiquidade, preferindo a hipótese de que a avaria tinha sido reparada e que a corrente fora restabelecida. Concluiu, consultando o relógio, que se resolvesse ir lá acima apagar a luz e andar à procura da chave do correio para retirar a carta chegaria atrasado ao serviço. Assim, pagou e disse:

— Obrigado, senhora Schöenberg — e ela, como sempre, corrigiu-o:

— Scheinmann, doutor Nisan.

— Oh, pois claro, desculpe. E quanto é que lhe devo? Nada? Já paguei? Então não foi por acaso que me enganei e quis pagar duas vezes, porque o seu *schnitzel*... era mesmo *schnitzel*, não era?, estava uma delícia! Desculpe, obrigado e adeus. Já tenho de ir a correr. Veja como chove! Parece-me um pouco cansada. Está triste? Talvez seja por causa do Inverno mas o tempo vai compor-se. Passe bem e até amanhã.

Uns vinte minutos depois, quando o autocarro chegou à praça do Palácio da Nação, Fima deu-se conta de que era um disparate rematado sair num dia daqueles sem guarda-chuva. E quanto a prometer à dona do café que o tempo se iria compor, que garantias poderia dar? Um feixe de luz avermelhada delgado e esfiapado rompeu subitamente por entre as nuvens e abrasou uma janela nos píncaros do Hotel Hilton, de tal modo que ficou ofuscado. Conseguiu distinguir, apesar do encandeamento, uma toalha ondulando na balaustrada de uma varanda no décimo ou vigésimo andar da torre do hotel e imaginou-se a captar, intensa e exactamente, o perfume da mulher que se teria enxugado com tal toalha, dizendo para os seus botões: «Vê lá tu como nada está totalmente desperdiçado, nada está realmente perdido e quase não há um instante sem um pequeno milagre. Parece que tudo vai correr pelo melhor, afinal.»

O pai tinha-lhe comprado o apartamento de duas assoalhadas no extremo de Kiryat Yovel aquando do segundo casamento, em 1961, um ano antes de Fima ter concluído, com distinção, a licenciatura em História, na Universidade de Jerusalém. Por essa altura, o pai depositava nele grandes esperanças. Também outros acreditavam no futuro de Fima. Tinha-lhe sido concedida um bolsa de estudos, esteve prestes a continuar para o mestrado e já pensava na tese de doutoramento e na carreira académica. Porém, no Verão de 1960 teve uma série de percalços e complicações. Ainda hoje os amigos sorriem, divertidos, quando, pelas costas, a conversa gira à volta do «ano do bode» de Fima: conta-se que, por meados de Junho, no dia seguinte a ter acabado o último exame, se apaixonou por uma guia francesa de um grupo de turistas católicos, no jardim do Convento de Ratisbonne. Sentado num banco do jardim, esperava a namorada, aluna de uma escola de Enfermagem, uma rapariga chamada Shula que casaria, daí a dois anos, com o seu amigo Tsvi Kropotkin. Segurava entre os dedos um ramo florido de loendro e

à sua volta a passarada chilreava, quando Nicole, sentada no banco mais próximo, se dirigiu a ele: «Há água por aqui?» «Fala francês?» Fima respondeu afirmativamente às duas perguntas, embora, em boa verdade, não fizesse a menor ideia onde haveria água e, quanto ao francês, arranhava-o um pouco. A partir desse momento nunca mais deixou de a seguir para onde quer que ela fosse e não a largava apesar de ela lhe pedir com gentileza que o fizesse, mesmo quando o chefe do grupo o advertiu de que se veria obrigado a apresentar queixa contra ele. Quando ela ia à missa, à Abadia da Dormição, esperava-a hora e meia à soleira da porta, como um cão rafeiro. De cada vez que ela saía do King's Hotel, defronte do edifício Terra Sancta, lá estava Fima exaltado, com os olhos em fogo, espetado ao pé da porta giratória. Quando ela ia para o museu, Fima emboscava-a em cada pavilhão. Quando deixou Israel, foi no seu encalço até Paris e, de lá, até à casa dela em Lyon. Conta-se em Jerusalém que numa noite de luar, já passava da meia-noite, o pai de Nicole saiu para o pátio e atingiu-o com um tiro de uma caçadeira de dois canos, e Fima apenas sofreu um arranhão na coxa. Passou três dias no hospital da Ordem Franciscana, começando a esclarecer-se sobre os trâmites da conversão. O pai de Nicole foi ao hospital pedir-lhe perdão e dispôs-se a auxiliá-lo a converter-se. Mas, entretanto, Nicole fartou-se do pai e decidiu ver-se livre de ambos, fugindo para a casa da irmã em Madrid e de lá para a da cunhada em Málaga. Desesperado, sujo e infeliz, Fima perseguiu-a em comboios e autocarros poeirentos até o seu dinheiro se acabar, em Gibraltar. Aí, graças aos bons ofícios da Cruz Vermelha, foi repatriado quase à força, num cargueiro panamiano. À chegada, esperava-o a detenção em Haifa, e foi encarcerado durante seis semanas num presídio militar por ter falsificado a data na licença que permite a um reservista fazer uma estadia no estrangeiro. Diz-se que no início dessa paixão louca, Fima pesava setenta e dois quilos e em Setembro, na enfermaria da prisão, já ia abaixo dos sessenta. Foi libertado depois de o pai ter intercedido por ele junto de um alto funcionário, cuja mulher se apaixonou perdidamente por Fima; era uma senhora vivida, cerca de dez anos mais nova do que o marido, mas mais velha do que Fima pelo menos oito anos e muito conhecida em Jerusalém pela sua magnífica colecção de gravuras antigas. No Outono engravidou, passando a viver com ele no seu quarto

arrendado em Musrara. Puseram toda a cidade em polvorosa. Em Dezembro, Fima voltou a embarcar num cargueiro, agora jugoslavo, partindo para Malta, onde trabalhou três meses num viveiro de espécies ornamentais de peixes e escreveu o seu ciclo de poemas *A Morte de Santo Agostinho e a sua Ressurreição nos Braços de Dulcineia*. Em Janeiro, na capital, La Valetta, a dona da pensão onde se alojara perdeu-se de amores por ele e levou-lhe todos os pertences para o apartamento dela. Apreensivo, não fosse também esta engravidar, resolveu casar-se com ela no registo civil. O matrimónio durou menos de dois meses porque o pai, entretanto, movendo influências de amigos em Roma, conseguiu descobrir o seu paradeiro e comunicar-lhe que a amante de Jerusalém perdera o bebé, mergulhara em depressão e tinha voltado para junto do marido e da colecção de gravuras. Fima achou que não merecia perdão, resolvendo romper com a dona da pensão e jurando afastar-se definitivamente das mulheres. Concluiu que uma ligação amorosa leva necessariamente a um drama, enquanto que as ligações sem amor causam apenas humilhação e sofrimento. Partiu de Malta sem um tostão, a bordo de uma traineira turca, fazendo tenção de se enclausurar num mosteiro da ilha de Sámos durante, pelo menos, um ano. No trajecto foi tomado de pânico perante a eventualidade de a sua ex-mulher também estar grávida, debatendo-se sobre se devia ou não voltar para trás e acabando por sentir que tinha procedido sabiamente ao deixar-lhe o seu dinheiro, mas nenhum endereço que lhe permitisse localizá-lo. Desembarcou em Salónica e pernoitou numa pousada da juventude onde, com doçura e dor, sonhou com o seu primeiro amor, Nicole, de quem perdera o rasto em Gibraltar. Rebaptizada Thérèse, no sonho, viu-a a ela e ao bebé sequestrados pelo pai numa cave do YMCA em Jerusalém, sob a ameaça de uma caçadeira carregada, transformando-se ele mesmo, no fim do sonho, na criança cativa. No dia seguinte foi à procura de uma sinagoga em Salónica, embora nunca tivesse sido um judeu praticante e estivesse convencido de que Deus nada tinha a ver com a religião.

À falta de melhor resolveu tentar. Junto à sinagoga encontrou três raparigas israelitas que viajavam pela Grécia de mochila às costas e que se preparavam para seguir para norte, para as montanhas, porque entretanto chegara a Primavera. Fima juntou-se a elas e pelo caminho enamorou-se de uma, Ilia Abravanel, de Haifa, que

achava muito parecida com uma Maria Madalena de um quadro, mas não havia meio de se lembrar onde o tinha visto e quem era o pintor. Contudo, Ilia não correspondeu ao seu interesse, e então dormiu várias vezes com a amiga, Liat Sirkin, que o convidava a partilhar o saco-cama quando tinham de dormir ao relento num vale ou num recanto sagrado. Liat Sirkin ensinou-lhe alguns prazeres refinados graças aos quais, para além do inebriamento dos sentidos, ele imaginava atingir a beatitude: de dia para dia sentia crescer em si a secreta volúpia dos cumes, uma exaltação que lhe abriu poderes visionários desconhecidos até então e que nunca mais experimentaria na vida. Naqueles dias, nas regiões montanhosas do Norte da Grécia, foi capaz de contemplar o nascer do sol através de um olival e julgar-se a assistir à Criação. Ou cruzar-se com um rebanho de ovelhas com o sol a pino, e ficar absolutamente persuadido de já ter vivido antes. Ou estar sentado numa taberna de aldeia, com uma salada, queijo e vinho, debaixo de uma latada, e sentir nos ouvidos o uivar da tempestade de neve nas planuras polares. Tocava uma serenata às raparigas com uma flauta de cana improvisada e não se importava de pular e rodopiar, comportando-se como uma criança para as fazer rir até às lágrimas e lhes proporcionar uma alegria simples e infantil. Durante todo aquele tempo não viu qualquer contradição entre a atracção por Ilia e dormir com Liat, e quase não dava pela terceira rapariga, que, habitualmente, preferia manter-se calada, apesar de ter sido ela a fazer-lhe o penso ao pé, depois de ter pisado, descalço, um vidro partido. Parecia-lhe que as três raparigas e todas as mulheres anteriores da sua vida, inclusive a mãe que morreu quando ele tinha dez anos, formavam uma só. Não porque achasse que as mulheres não passavam de mulheres, mas, devido à iluminação interior que o inundava, lhe parecer, por vezes, que não havia quaisquer diferenças entre as pessoas, quer fossem homens, mulheres ou crianças, a não ser ao nível meramente superficial e efémero: como a água que toma a forma de neve, ou vapor, ou bloco de gelo, ou de nuvens ou de granizo. À semelhança dos sinos dos mosteiros e das igrejas do campo que diferem entre si pela ressonância e pelo timbre, mas que têm, contudo, a mesma finalidade. Partilhava estes pensamentos com as raparigas, duas das quais aceitavam os seus pontos de vista enquanto que a terceira lhe chamava «simplório», limitando-se a remendar-lhe a

camisa. Também nisto Fima via manifestações diferentes da mesma realidade. Mas a rapariga reservada, Yael Levin, vinda de Yavne'el, não hesitava em acompanhá-los quando, em noites amenas de luar, tomavam banho nus, se encontrassem alguma fonte ou regato. Uma vez, viram ao longe e às escondidas um pastor de uns quinze anos saciar o seu desejo numa cabra. Doutra vez, viram duas velhotas vestidas de luto e com grandes cruces de madeira ao peito, sentadas em silêncio numa pedra de um descampado no pino do meio-dia, com os dedos cruzados e imóveis. Uma noite, escutaram uma voz que cantava do interior de uma casa em ruínas. Certa vez, passou por eles um velho mirrado a tocar um acordeão partido que não emitia qualquer som. No dia seguinte, pela manhã, caiu uma chuvada breve e forte, e o ar ficou tão límpido que era possível divisar o frémito das sombras dos carvalhos sobre os telhados vermelhos das pequenas aldeias aninhadas nos vales longínquos e quase se distinguiam as agulhas dos ciprestes e dos pinheiros nos flancos das montanhas distantes. Um dos cumes estava ainda coberto de neve, que, em contraste com o azul forte do céu, parecia mais prateada do que branca. Bandos de aves esvoaçavam sobre as suas cabeças como se executassem uma dança com véus. Fima, sem motivo aparente, disse uma coisa que fez rir as três raparigas:

— Aqui está enterrado o cão.

— Tenho a impressão de estar a sonhar mais do que num sonho e estar mais acordada do que em vigília. É muito esquisito — disse Iliá.

— É só por causa da luz — afirmou Liat.

— Quem tem sede? — perguntou Yael. — Vamos até à água.

Ainda não tinha passado um mês sobre o fim da viagem, quando Fima foi a Yavne'el procurar a terceira rapariga. Apurou que Yael Levin era diplomada pelo departamento de Engenharia Aero-náutica do Technion de Haifa e trabalhava nas instalações secretas da Força Aérea nas montanhas a ocidente de Jerusalém. Quatro ou cinco encontros bastaram a Fima para compreender que ela o tranquilizava e ele a divertia. Quando lhe perguntou hesitantemente se, na sua opinião, eram feitos um para o outro, Yael respondeu: «Gosto muito da maneira como falas.» Nesta resposta ele vislumbrou uma certa ternura que lhe aqueceu o coração. Em seguida foi à procura de Liat Sirkin. Sentaram-se num pequeno café à beira-mar durante

meia hora, sendo o propósito de Fima assegurar-se de que não a tinha engravidado. Só que depois lhe apeteceu dormir com ela numa pensão em Bat Yam e perdeu as certezas. Em Maio, convidou as três raparigas para irem a Jerusalém e apresentou-as ao pai.

O velho encantou Ilia com a sua cortesia à moda antiga, divertiu Liat com anedotas e historietas com aforismos, mas preferiu Yael porque vislumbrou nela «indícios de profundidade». Fima concordou, ainda que não estivesse completamente seguro de que compreendia de que tipo de indícios se tratava. Nem por isso deixou de continuar a vê-la até ao dia em que ela lhe disse: «Olha lá para a tua camisa. Meio por dentro das calças e meio por fora. Espera que eu arranjo-te isso.»

Em Agosto de 1961, Yael e Efraim Nisan já estavam casados, vivendo no pequeno apartamento que o pai de Fima lhe comprara na extremidade de Kiryat Yovel, nos limites de Jerusalém, depois de o filho ter concordado em assinar, perante um notário, um documento que o pai lhe impôs e segundo o qual prometia solenemente nunca mais tentar envolver-se naquilo que o pai designava por «aventuras». Comprometeu-se, igualmente, no fim desse ano já perdido, a começar os estudos para o mestrado. Por seu lado, o pai obrigou-se, nesse mesmo documento, a financiar os estudos do filho e o estágio de Yael, concedendo aos dois uma modesta pensão mensal durante os primeiros cinco anos do casamento. Desde então, o nome de Fima desapareceu da bisbilhotice de Jerusalém. Cessaram as aventuras. Acabou o «ano do bode», iniciando-se «os anos da tartaruga». Porém, Fima não voltou à universidade, salvo talvez nalgumas ideias que compartilhava com o seu amigo Tsvi Kropotkin, o qual, entretanto, passara da tese de mestrado à de doutoramento sem interrupções e edificava os alicerces da sua torre de publicações no domínio da História. Em 1962, Fima, acedendo aos rogos dos amigos e ao empenho particular de Tsvika, publicou a colectânea de poemas que escrevera por altura do seu brevíssimo casamento em Malta: *A Morte de Santo Agostinho e a sua Ressurreição nos Braços de Dulcineia*. Durante um ou dois anos houve críticos e leitores que viram em Efraim Nisan uma promessa à espera de realização, dissipada após algum tempo pelo seu silêncio. Não escreveu nem mais um poema. Todas as manhãs uma viatura militar vinha buscar Yael e levá-la para a base, cuja localização Fima

ignorava, e onde ela trabalhava no desenvolvimento de um projecto técnico, do qual o marido nada percebia nem lhe interessava perceber. Andava pelo apartamento toda a manhã, ouvindo todos os noticiários, petiscando o que encontrava no frigorífico, travando debates consigo e com os locutores da rádio, fazia furiosamente a cama que Yael não tinha tempo para fazer antes de ir trabalhar, ou que, na verdade, não podia fazer porque, quando saía de casa, ainda ele dormia a sono solto. Depois de ler o matutino, saía para fazer algumas compras na mercearia, regressava com dois vespertinos, embrenhava-se na sua leitura até ao fim da tarde, deixando as folhas espalhadas por toda a casa. Entre ler os jornais e ouvir os noticiários, obrigava-se a sentar-se à secretária. Durante algum tempo, ocupou-se com uma obra cristã intitulada *Pugio Fidei* (O Punhal da Fé), da autoria do padre Raymond Martin e publicada em Paris, em 1651, cujo propósito era refutar, de uma vez por todas, as crenças «dos Mouros e dos Judeus». Tencionava reexaminar as raízes cristãs do anti-semitismo mas, ao fazê-lo, espreitou-se-lhe um certo interesse pela doutrina do Deus escondido e ficou fascinado pela vida do monge Eusébio Sofrónio Jerónimo que estudou hebraico com um mestre judeu, fixou-se em Belém no ano 386 e traduziu para latim o Antigo e o Novo Testamentos, aprofundando assim, e talvez deliberadamente, a cisão entre Judeus e Cristãos. Tais especulações não satisfizeram Fima. O cansaço venceu-o e ele acabou por se afundar na ociosidade. Vasculhava a enciclopédia, esquecia-se do que tencionava procurar, perdendo horas com a leitura de artigos, segundo a ordem alfabética e que nada tinham a ver com o assunto. Era raro o dia em que não enfiava o seu velho boné e não se ia encontrar com os amigos para discutir até altas horas da madrugada o «caso Lavon»<sup>1</sup>, o julgamento de Eichmann, a crise dos mísseis em Cuba, os cientistas alemães no Egipto, o significado da visita papal à Terra Santa. Quando Yael voltava do trabalho, ao fim da tarde, e lhe perguntava se já tinha comido, Fima replicava, maldispuesto:

---

<sup>1</sup> Escândalo despoletado por uma operação falhada dos serviços secretos israelitas no Egipto, conhecida como *Operação Susannah*, nos quais foram atacados à bomba, no Verão de 1954, alvos egípcios, americanos e britânicos. Ficou conhecido como o caso Lavon depois de o ministro da Defesa, Pinhas Lavon, ter sido forçado a demitir-se devido a este incidente. (*N. do E.*)

«Porquê? Onde está escrito que tenho de comer?» Enquanto ela tomava um duche, ele começava a explicar-lhe, do outro lado da porta da casa de banho, quem estava por detrás do assassinio do presidente Kennedy. À noite, se Yael lhe perguntava se ia outra vez ter com Uri ou com Tsvika, costumava responder: «Vou para uma orgia», interrogando-se como é que tinha sido possível prometer ao pai que se ia comprometer com aquela mulher. Mas logo se voltava a apaixonar pelos dedos fortes dela, que ao fim do dia massajavam os delicados tornozelos, ou pelo seu hábito de afagar as sobrancelhas, perdida em congeminações, voltando a cortejá-la como um rapazinho tímido e entusiasmado até ela permitir que ele lhe desse prazer, e ele entregava-se de bom grado à tarefa, com uma espécie de profunda atenção. Acontecia dizer-lhe, no auge de uma discussão insignificante: «Deixa lá, Yael, isto vai passar. A nossa vida a sério não tarda a começar, vais ver.» De vez em quando iam ambos dar uma volta pelas ruelas desertas da zona norte de Jerusalém nos finais de tarde de sexta-feira, e ele, com uma excitação contida, falava-lhe sobre a união do corpo e da luz entre os antigos místicos. Ela encantava-se e sentia-se tão bem que se aconchegava nele, e desculpava-o por ter engordado um pouco, por se ter esquecido novamente de mudar de camisa, por estar constantemente a corrigir-lhe o hebraico. Regressavam a casa e faziam amor como desesperados.

Em 1965, Yael foi trabalhar, por contrato especial, no centro de investigações da Boeing, em Seattle, nos Estados Unidos. Fima recusou-se a acompanhá-la alegando que uma temporada de afastamento talvez fizesse bem aos dois, ficando sozinho no apartamento de Kiryat Yovel. Tinha arranjado um emprego modesto como funcionário da recepção numa clínica ginecológica privada no bairro de Kiryat Shmuel. Pôs de parte a universidade, a não ser quando Tsvi Kropotkin o arrastava para um colóquio sobre o impacto do individualismo na História ou sobre os trunfos e os limites do historiador-testemunha.

Aos sábados à noite, ia a casa de Nina e Uri Gefen ou de outros amigos, lançando-se facilmente em debates políticos onde, por vezes, era capaz de assombrar todos os presentes com uma síntese brilhante ou uma previsão paradoxal, ainda que nunca soubesse contentar-se com as vitórias, prosseguindo como um jogador inveterado e

discorrendo sobre temas de que não percebia patavina, sem se fur-  
tar a pormenores secundaríssimos e acabando por saturar mesmo  
os mais fiéis amigos. Munido com uns poucos de livros, não era  
raro ficar, por gentileza, a servir de *babysitter* aos filhos dos amigos  
para lhes permitir saírem à noite. Oferecia-se com agrado para  
auxiliar um deles numa revisão, numa redacção elaborada, na con-  
densação de um artigo, e mais do que uma vez se dispôs a servir de  
mediador entre membros de um casal desavindo. Uma vez por ou-  
tra, publicava no *Haaretz* pequenos mas contundentes artigos de  
actualidades políticas. De quando em quando ia passar alguns dias  
sozinho a um dos mais antigos colonatos no norte da planície do  
Sharon. Todos os verões tentava, com energia e entusiasmo renova-  
dos, aprender a conduzir, sendo certo e sabido que no Outono apa-  
nhava um chumbo. Por vezes, uma mulher com quem travara  
conhecimento na clínica ou em casa de amigos comuns acabava no  
seu desarrumado apartamento e na sua cama, cujos lençóis estavam  
a pedir para serem mudados. Em breve se apercebia de que Fima  
estava mais empenhado em dar-lhe prazer do que em desfrutá-lo.  
Aos olhos de algumas mulheres isto era maravilhoso e gratificante  
enquanto que, para outras, era motivo de perturbação e não tarda-  
vam em romper a ligação. Fima era capaz de prodigalizar a uma  
mulher, durante horas, deliciosas sensações cheias de imaginação e  
mesmo de humor físico e só por fim, discreta e subtilmente, pensa-  
va em si próprio. No instante em que a sua amante estava prestes a  
perceber que ele cobrara assim a sua modesta comissão, já Fima se  
dedicava novamente a ela. Quando algumas mulheres tentavam  
transformar a aventura em continuidade, logrando extorquir-lhe a  
chave do apartamento, só conseguiam, passadas duas a três sema-  
nas, que ele se refugiasse numa pensão ordinária em Pardes Hanna  
ou em Magdiel, voltando para casa somente depois de elas desisti-  
rem. Mas mesmo episódios desse género haviam-se tornado raros  
nos últimos cinco ou seis anos.

Quando Yael lhe escreveu de Seattle, em princípios de 1966,  
informando-o de que havia outro homem na sua vida, Fima sorriu  
interiormente ao ler a estafada expressão «outro homem na minha  
vida». Os seus devaneios de outrora, o casamento com Yael e a pró-  
pria Yael, tudo isso se lhe afigurava ultrapassado, exagerado ou até  
não menos infantil do que a célula subversiva e revolucionária que

tinha tentado fundar no seu tempo do liceu. Tencionava escrever-lhe duas linhas a fazer votos para que tudo corresse bem, a ela e ao tal outro homem da sua vida. Quando se sentou à mesa ao cair da noite, não conseguiu parar senão ao princípio da tarde no dia seguinte, com uma carta de trinta e quatro páginas febris onde lhe confessou até que ponto a amava. Numa segunda leitura, rejeitou tudo quanto havia escrito, rasgou a carta em pedacinhos, atirou-os para a sanita e descarregou o autoclismo. Não se pode descrever o amor por palavras e fazê-lo é sinal de que o sentimento já não existe. Acabou por arrancar uma folha quadriculada de uma sebenta e escreveu: «Não poderei deixar de te amar porque isso não depende de mim, mas é evidente que estás livre. Mas que cego que eu fui! Se houver cá em casa alguma coisa de que precisas, escreve-me para ta enviar. Entretanto, mando-te numa encomenda três camisas de noite tuas, os chinelos felpudos e as fotos. Se não te importares, fico com aquela em que estamos na *moshavá*<sup>2</sup> Beit-Lehem na Galileia.» Yael compreendeu que Fima estava de acordo com o divórcio e não iria levantar obstáculos. Mas de regresso a Jerusalém, quando ela lhe apresentou um sujeito cinzentão e apático com um queixo proeminente e sobranceiras fartas, dizendo: «Este é Efraim Nisan e este é Ted Tobias, espero que sejamos amigos», Fima arrependeu-se e recusou firmemente o divórcio. Ted e Yael voltaram então para Seattle. Perderam contacto, a não ser através de alguns aerogramas e postais a propósito de assuntos práticos.

Anos depois, no início de 1982, numa tarde invernosa, Ted e Yael apareceram em casa de Fima, com o filho de três anos, um rapaz albino e meio estrábico, com óculos de lentes grossas, vestido de astronauta americano e com uma placa metálica com a inscrição *CHALLENGER*. O miúdo mostrou-se capaz de construir frases subordinadas complexas e de tornear questões embaraçosas. Fima, que depressa se encantou com o pequeno Dimi Tobias, reconsiderou a sua oposição, propondo a Yael e Ted o divórcio, a sua ajuda e amizade. Yael, contudo, já não atribuía importância ao divórcio e não via qual o sentido da amizade. Nos últimos anos chegara a separar-se duas vezes de Ted, e tivera casos com outros homens até decidir

---

<sup>2</sup> *Moshavá* – aldeia baseada na livre iniciativa e na propriedade privada do solo. (N. do T.)

voltar para ele e ter o Dimi, antes que fosse demasiado tarde. Fima conquistou o pequeno *Challenger* com uma historieta sobre um lobo que havia renunciado à sua natureza predadora para ser aceite numa colónia de coelhos. Quando a história acabou, Dimi imaginou outro epílogo que Fima achou lógico, astucioso e cheio de humor.

Graças à intervenção do pai de Fima, o divórcio foi acordado discretamente. Ted e Yael foram viver para o bairro Beit-Hakerem, ambos encontraram trabalho num instituto de investigação e dividiram o ano em três períodos: o Verão em Seattle, o Outono em Pasadena, o Inverno e a Primavera em Jerusalém. Por vezes convidavam Fima para o serão de sexta-feira, quando se juntavam lá em casa os Kropotkin, os Gefen e os restantes membros do grupo. Quando saíam por dois ou três dias para Elat ou para a Alta Galileia, por vezes deixavam Dimi em casa de Fima, em Kiryat Yovel. Fima tornara-se no seu *babysitter* voluntário, quer por estar disponível quer porque entre ele e o pequeno Dimi tinha nascido um grande afecto. Por uma estranha lógica, a criança chamava avô a Fima, bem como ao pai do próprio Fima. Fima aprendera a construir casas, palácios e castelos com seteiras, usando fósforos, caixas de fósforos e cola. Esta era uma imagem dele mesmo que contrastava totalmente com aquela que os amigos, Yael e ele próprio tinham, a de um pobre diabo que nascera canhoto de ambas as mãos e que nunca aprenderia a consertar uma torneira que pingava nem a pregar um botão.

Para além de Dimi e dos pais havia a tertúlia dos amigos: pessoas agradáveis, sensatas, umas que já conheciam Fima desde a universidade e que estavam associadas, à distância, às aventuras do «ano do bode», outras que mantinham ainda a esperança de que ele se levantaria, pegaria o touro de frente e atordoaria toda a Jerusalém.

É verdade, diziam, que uma vez por outra nos põe os nervos à flor da pele, exagera, não tem o sentido das proporções, mas tinha de se reconhecer que quando era brilhante, era-o mesmo, e um belo dia ainda se ouviria falar dele. Podia-se estar seguro quanto a isso. «Na última sexta-feira, ao início da noite, antes de começar a gracejar com as suas imitações dos políticos, apanhando no ar a palavra ‘rito’ que o Tsvi tinha lançado, vocês lembram-se como é que perdemos o pio quando ele observou repentinamente que tudo procede

do rito e desenvolveu aquela teoria inconcebível sobre a qual falámos durante toda a semana? Ou quando se saiu com aquela comparação alucinante entre Kafka, Gogol e os contos chassídicos?»

Com o passar dos anos, alguns deles aprenderam a gostar da miscelânea de perspicácia e de distração, de tristeza e de entusiasmo, de subtileza e de impotência, de profundidade e de chalaça que encontravam em Fima. Além disso, estava sempre disposto a corrigir provas ou a dar um conselho para a redacção de um esboço de um trabalho de investigação. Pelas costas dizia-se, sem malícia e com simpatia, que Fima era uma jóia, uma pessoa original mas um grande preguiçoso. Destituído de qualquer ambição. Que, simplesmente, não pensava no amanhã. E já não era propriamente um jovem...

Apesar de tudo, algo na sua aparência gorducha, no seu andar arrastado, perdido em cogitações, na testa bela e alta, nos ombros descaídos de fadiga, no cabelo claro a rarear, no seu olhar doce que parecia sempre perdido dentro de si mesmo ou voltado para lá das montanhas e do deserto, algo na sua imagem suscitava ternura e alegria, provocava um sorriso mesmo quando o viam à distância, do outro lado do passeio, vagueando pelo centro da cidade como se não soubesse como fora ali parar ou como haveria de sair. «Olhem, lá vai o Fima a abanar as mãos, decerto a discutir consigo próprio e, é claro, a ganhar.»

Ao longo dos anos, estabeleceu-se também uma certa cordialidade tensa, agressiva e cheia de contradições entre Fima e o pai, o célebre fabricante de cosméticos, Baruch Nomberg, veterano do partido de direita Herut. Ainda hoje, tendo Fima cinquenta e quatro anos e o pai oitenta e dois, Baruch mantém o hábito de meter no bolso do filho duas ou três notas de dez *shekalim* ou uma de vinte, no fim de cada visita. Fima, por seu lado, depositava todos os meses oitenta *shekalim* numa conta poupança secreta em nome do filho de Ted e de Yael, já com dez anos mas com a aparência de sete, sonhador e inocente. Por vezes, nos autocarros, havia pessoas que achavam Fima e o rapaz parecidos: na forma do queixo, na testa ou até no modo de andar. Na última Primavera, Dimi pediu licença para criar algumas tartarugas e bichos-da-seda no velho arrumo que Fima e Ted lhe tinham desocupado na varanda da cozinha, em Kiryat Yovel. E apesar de Fima ser considerado pelos outros e por

si mesmo um mandrião, um incorrigível cabeça no ar, não houve um único dia nesse Verão em que se tivesse esquecido de alimentar e fazer a limpeza do que costumava designar por «a nossa caixa da bicharada». Mas no Inverno os bichos-da-seda morreram e as duas tartarugas foram libertadas num *wadi*, no local onde termina Jerusalém e começam a penedia e a desolação.